

amor¹

han ryner

Esta palavra é com frequência um substantivo que designa um gênero, sendo acompanhada por um adjetivo que designa a espécie: amor paterno, amor filial, amor sexual, etc..

Quando não aparece acrescida de nenhum epíteto, ela não é unívoca. Para a maioria dos filósofos, permanece um substantivo de gênero, designando todo sentimento afetuoso e opondo-se ao ódio. Na linguagem mística, e também na linguagem comum, exprime por vezes sentimentos de fraternidade humana ou mesmo certas emoções diante da beleza real ou imaginada do Cosmo.

Na linguagem mais corrente, amor designa a afeição por um ser cujo contato sexual é desejado, sonhado ou experimentado. Littré diz: “Sentimento de afeição de um sexo pelo outro”. Definição excessivamente estrita e que resolve, com um dogmatismo sorrateiro, uma grave questão. Quer o fato agrade, quer não, existiram e continuam existindo amores entre pessoas do mesmo sexo.

Várias legislações condenam o amor homossexual, que é recebido com zombaria ou severidade pela opinião pública.

Han Ryner, pseudônimo de Jacques Élie Henri Ambroise Ner (1861-1938), foi um filósofo e jornalista francês, anarco-individualista e pacifista.



verve

Amor

Será que isso acontece por que essa forma de amor seguramente evita as armadilhas do gênio da espécie? Ou seria ele condenado pelas mesmas razões que o malthusianismo (qualquer legislador é, por procuração, um grande repovoador)? Ou ainda por que as religiões modernas condenam o prazer, só lhe concedendo alguma tolerância caso ele contribua às supostas finalidades de Deus ou da Natureza?

Nesse domínio, o anarquista obedece a seus gostos pessoais e nunca censura os gostos inocentes diferentes dos seus. Ora, ele chama de inocente o que não faz mal a nenhuma pessoa real. Quanto às famosas “pessoas morais”, ele as considera, dependendo do caso, com a mais fria indiferença ou a mais legítima hostilidade.

Sólon punia o não-conformismo apenas no caso do escravo que o praticasse com uma pessoa de condição livre. Sua lei era menos repovoadora do que protetora da desigualdade. Na França, dos séculos XV ao XVII, vários não-conformistas foram queimados em virtude dos Estatutos de São Luiz², que parece terem sido mal compreendidos. O “*bougre*”³ que São Luiz mandava queimar, após julgamento do bispo, era um herético. Infelizmente para os homossexuais dos séculos seguintes, a palavra tinha mudado de sentido e nem os juizes eclesiásticos, nem o braço secular perceberam isso. Vários foram conduzidos à fogueira por culpa da Igreja e da semântica.

Hoje não se usam mais fogueiras. Por vezes ainda se mata sorrateiramente. Todos conhecem o crime cometido contra Oscar Wilde pelo Código e pelos juizes⁴. A lei alemã também pune o não-conformismo. Abstratamente, a lei francesa é aqui menos perversa. Mas os magistrados comparam tal fato com nobres sutilezas e Adelsward-Fersen⁵



não foi tratado muito melhor em Paris do que Oscar Wilde em Londres.

Não pratico o culto das definições. Salvo nas matemáticas, de um lado elas são sempre ultrapassadas por aquilo que definem; de outro, sempre o ultrapassam. Sem confiar demais nelas, tentamos torná-las o menos inexatas possíveis. Para não excluir arbitrariamente o platonismo, atribuí o nome amor ao anseio, mesmo vago, do contato sexual.

O amor platônico não é exatamente a amizade entre homem e mulher. Uma sexualidade atenuada (platonizada, diriam os psicanalistas) entra nesse composto instável. Aqui, como sempre, só existem casos individuais e nossas generalidades pecam por imprecisão. O amor de Petrarca e de Laura é acompanhado pelo desejo, evitado pelo jogo ou pela necessidade, e ousamos dizer, por algumas apalpadelas. Ele é diferente do sentimento de Dante por Beatriz. O próprio sentimento de Dante revestiu-se de sucessivas nuances sem perder o direito de ser chamado de amor platônico: ardente e doloroso na *Vida Nova*; apaziguado e como que glorioso no *Paraíso*; quase completamente abstrato no *Banquete*, no qual Beatriz empalidece, se despersonaliza, quase se perde nas brumas do símbolo.

Para Voltaire (*Dicionário filosófico*, no verbete “Amor socrático”), o amor platônico nunca passou de disfarce ou, como ele diz, de “arte de esconder o adultério sob um véu”. Ele explica, malicioso: “Os homens confessavam em voz alta um amor que se acreditava não partilhado pelas mulheres... Restam-nos suficientes monumentos desse tempo para mostrar quais eram os costumes recobertos por essa espécie de hipocrisia.”



Amor

Voltaire tem razão em muitos casos. Mas o mundo interior é mais variado do que ele pensa. Nossas classificações, embora nunca suficientemente ricas, permanecem sempre insuficientes e a expressão só é capaz de apreender uma parte das nuances e formas dos sentimentos reais. O platonismo foi muitas vezes um prefácio hipócrita ou inquieto, uma hábil aproximação ou um deslizamento involuntário; outras vezes, foi algo diferente: o perfume, por exemplo, que permanece depois de acabada a bebida, a amizade encantada que, para os seres ternos e sem ciúmes, pode vir após as sensualidades...

Hoje o amor platônico parece-nos um tanto ridículo, se ele for o amor único. Mas, para o pluralista, ele pode, ao lado de emoções mais sensuais, ter suas horas de encanto sorridente. Mesmo no amor único, se uma doença ou qualquer outro obstáculo opõe-se às realizações físicas, o platonismo traz graça e consolo. O amor diminuído de Heloísa por Abelardo não é simples amizade. Tampouco o é o luto de uma viúva. Essa mistura de lembranças de sonhos feridos, de arrependimentos incertos, de imaginações tenras, é certamente inexplicável e instável – como tudo o que é vivo.

O amor existe nos animais? Em alguns, não há nem mesmo a posse, e aparentemente tampouco o gozo. A fêmea do peixe escamoso abandona seus ovos; em seguida, o macho fecunda-os sem saber quem os pôs. Haverá algo semelhante ao amor entre os insetos comunistas, abelhas e formigas, entre os quais o macho é morto assim que preenche seu papel fertilizador e num único encontro fecunda a fêmea para toda sua vida? O louva-deus, certas aranhas, certos gafanhotos devoram o macho durante o ato ou imediatamente após. Como ele aceita esta sorte



inevitável ou consente a este grande risco, devemos supor que ele experimenta uma viva atração pela fêmea. Mas, sem dúvida, a fêmea não consegue sentir muito prazer, tendo que guardar seu sangue frio de caçadora.

Os pássaros dão uma ideia mais próxima de nosso amor. O pardal e o galo são machos notavelmente dotados e ardorosos. O galo, se assim ousar dizer, não comparece sempre com pontualidade: às vezes, atrai a fêmea lançando o mesmo apelo de quando acabou de descobrir uma minhoca. Vários mamíferos como o cavalo e o touro, têm atitudes, orgulhos, movimentos, olhares, gritos que expressam o desejo de modo eloquente.

No entanto, o amor humano tem suas características e seus privilégios. Apenas o homem não obedece às estações e a um ritmo estrito, amando em qualquer época do ano. É o único a conhecer os deliciosos langores que sucedem o ato sexual. O único que conhece os beijos e suas doces variações. Seu corpo é sensível por toda a superfície. O animal conhece o coito, não a carícia. E nossa imaginação desenha inúmeros bordados brilhantes ou delicados sobre o tecido da natureza...

Mas sabemos envenenar nossas alegrias. Os ciúmes não são algo exclusivamente humano; mas no homem atingem uma profundidade mais dolorosa. E as tirânicas e cruéis mesquinhas do sadismo e as pobreza servis do masoquismo são nossa criação.

É por isso que muitos condenam o amor ou repetem, com Buffon, que apenas seu lado físico é bom. Suprimir os sentimentos que proporcionam tão grandes alegrias mútuas para melhor afastar aqueles que trazem dores e maldades é um método excessivamente empobrecedor. Há outras



Amor

maneiras de matar em si os ciúmes, o autoritarismo, o exclusivismo, o sentimento de posse; há outros meios de se purificar o amor de toda hostilidade. Os epicuristas sabiam disso. Epicuro e Metrodoro continuavam sendo melhores amigos, amando o mesmo Leôncio. Lucrécio traça um quadro muito sombrio e áspero dos amores ordinários nos quais, “porque o prazer não é puro, agulhões secretos levam a ferir o próprio objeto de nosso frenesi”. Mas ele conhece o remédio para as loucuras, os amargores e brutalidades de nosso amor único. Ele ensina a “lançar nos corpos que encontramos o humor acumulado”, a “turvar com novos ferimentos o ferimento antigo” e a “colher volúpias isentas de penas”.

Nosso pluralismo talvez admita delicadezas diferentes das suas, nuanças mais ricas, lembranças mais ternas e, na hora voluptuosa, um sentido mais refinado daquilo que o ato atual possui de sabor único e original.

O amor plural de Lucrécio dirige-se unicamente ao sexo. Nossas escolhas múltiplas amam os indivíduos, as graças pessoais de suas carícias, de suas palavras, de seus pensamentos, de seus sentimentos. Amamos seres únicos. Disposto a todas as acolhidas, o anarquista pluralista distingue cada acolhido. Ele ama o que este apresenta de novo, singular, espontâneo; ele não o considera apenas como uma oportunidade de volúpia banal ou mesmo de volúpia renovada e original.

Lucrécio elimina o amor propriamente dito para conservar apenas a volúpia. Saibamos dar a todas nossas volúpias uma alma e um acompanhamento de amor.

Tradução do francês por Martha Gambini.



Notas

¹ Texto publicado como verbete da *Encyclopédie Anarchiste*, editada por Sébastien Faure, em 1934. A versão original está disponível em <http://www.encyclopedie-anarchiste.org/articles/a/amour.html> (acesso em: 20/01/2012).

² Os Estatutos de São Luiz (“*Établissement de Saint Louis*”) é um código editado pelo Rei Luís IX da França (1214-1270), em 1269 que, parcialmente baseado no direito romano, consolidava o monopólio real no campo legal, abrindo confronto com a dispersão jurídico-política então vigente no período medieval (N.E.).

³ A palavra *bougre*, em francês, é utilizada para fazer referência a “indivíduo qualquer”. No século XVI, o termo, proveniente de “*bulgare*”, era empregado para designar os heréticos albigenses, cátaros, búlgaros; até o início do século XIX, ela progressivamente passou a ser usada no sentido de sodomita (N.E.).

⁴ O escritor, dramaturgo e poeta irlandês Oscar Wilde (1854-1900) foi condenado, em 1895, a dois anos de prisão (com trabalho forçado) após julgamento no qual fora acusado de homossexualismo. Na prisão, Wilde escreveu, dentre outros, *A alma do homem sob o socialismo* (1895) e o poema *A balada do Cárcere de Reading* (publicado em 1898) (N.E.).

⁵ Jacques d’Adelswrd-Fersen (1880-1923) foi um poeta francês associado ao simbolismo e ao decadentismo, filho de uma família rica de procedência nobre. Em 1905, o poeta foi condenado após julgamento no qual foi acusado de praticar missas negras e homossexualismo. Após esse episódio, passou a ser hostilizado em Paris. Então, tentou o suicídio, sem sucesso. Depois disso, mudou-se para a ilha de Capri, na Itália, onde construiu uma *villa* e viveu anos apreciando a poesia, o ópio e os homens italianos. Em 1823, suicidou-se não sem antes pedir a uma amiga grega que preparasse seu corpo, deixando uma moeda sobre os lábios para que Caronte – o barqueiro do Hades na mitologia grega – o conduzisse ao mundo dos mortos (N. E.).